



CRÍTICA
marxista

*Panorama do Rio Vermelho.
Ensaaios sobre o teatro
americano moderno*

Iná Camargo Costa

RESENHAS

MÁRIO FERNANDO BOLOGNESI*

Vista à distância, uma obra dramática, quando bem construída, induz primeiramente ao aguçar das intuições. Não apenas ela – pode-se afirmar. O despertar intuitivo estende-se a qualquer obra artística. Mas, no caso daquelas concebidas e escritas para serem levadas à cena, o aflorar das sensações é evidenciado pelo ato teatral em si, pelo seu teor comunicativo, que tem na concisão e no apurado senso de síntese os recursos aos quais o autor não pode se furtar. Em poucas páginas, ou atos, ou cenas, um conflito deve ser apresentado e desenvolvido, muito diverso, portanto, do artifício descritivo de outros gêneros literários.

Levadas essas intuições ao extremo, obtém-se tão-somente o

apreciar sensível da obra, matéria e objetivo, aliás, reivindicados por uma certa corrente de interpretação. Desdobramentos deste proceder são evidentemente transpostos do terreno da recepção sensível para o esmiuçar do arcabouço estrutural da obra. Passa-se, assim, do impacto das sensações ao detalhamento da composição, dos efeitos subjetivos aos pilares objetivos da construção. Ambos os procedimentos de análise, entretanto, adotam uma visão de desenraizamento e operam – quase sempre isoladamente – entre os domínios da forma ou os do conteúdo, como se ainda fosse possível pensá-los separadamente. As obras, nesses casos, observadas as devidas peculiaridades, seriam resultados de processos de

* Professor do Depto. de Filosofia, Unesp, campus de Marília.



transcendências, que deixam no esquecimento (certamente de maneira proposital) as matrizes fundantes tanto do processo criativo quanto da obra gerada. A história e a política, nesses casos, desempenham pouco ou nenhum papel.

Não esperem, leitores, atitudes dessa natureza neste *Panorama do Rio Vermelho*. Aqui, opostamente ao transcendentalismo do ato artístico defendido aguerridamente por muitos, tem-se a nítida constatação do envolvimento pleno das obras e seus autores com a trama da história, particularmente aquela que se refere aos trabalhadores, aos excluídos e deserdados de um modo geral. Não esperem também uma análise que se pauta exclusivamente pelo processo do reflexo social, que facilmente escorrega para o automatismo determinista. Longe destes caminhos facilitadores, a autora procura estabelecer as conexões entre o teatro americano da primeira metade do século XX (através de seus principais expoentes) e as lutas das esquerdas. O sentido político, portanto, é dado e efetivado na adoção e exploração dos processos dialéticos que permeiam as obras, autores, diretores e atores como O'Neill, Elmer Rice, Tennessee Williams, Orson Welles, Arthur Miller, Marlon Brando, James Dean, Stawson e tantos outros. Em poucas palavras, este *Panorama* mergulha nos subterrâneos da história e da sociedade e demonstra que o trabalho crítico e

analítico dos processos culturais envolve, concomitantemente, o resgatar das lutas políticas. Estética e política não são termos e ações excludentes. Ao contrário, quando desalojados de suas molduras azuladas eles revelam o vermelho que os alimentou.

Comumente bombardeados e até familiarizados com o afã totalizante e ufanista da liberdade que se propala da América do Norte, os leitores de Iná Camargo Costa devem estar dispostos a percorrer os corredores úmidos e pouco iluminados desta toada democrática. Ao final, será possível retirar aquele espesso véu que acoberta os processos (os mais significativos, ao menos) da tão endeusada cultura americana. Debaixo dele há massacres, perseguição, discriminação, censura, retaliação, deportação, prisão, coação, coerção, pena de morte etc. Os alvos: trabalhadores, imigrantes, negros, mulheres, enfim, em poucas palavras, os excluídos.

A autora não nos brinda somente com uma revisão de obras e autores. Ao lado disso – e tão importante quanto – ela recupera a recepção do público e, principalmente, as reações da crítica (liberal e conservadora) daqueles anos. O livro, por outro lado, também investiga e demonstra o quanto o teatro americano estava sintonizado com os mais importantes movimentos e conquistas na área teatral, tais como os ocorridos na Alemanha, Rússia e França, principalmente. Neste aspecto, a



insuficiência do gênero drama se manifesta de modo relevante e as experiências épicas puderam ancorar as revoltas e as contestações. Muito longe, portanto, do voltar-se sobre si mesmo, característico do drama, tal como foi explorado por Peter Szondi, um dos autores que norteiam significativamente o *Panorama do Rio Vermelho*. Assim, é possível notar, por exemplo, o quanto o teatro de agitação e propaganda e as matrizes sociais e políticas do *Paterson Pageant* terminaram sendo cruciais para os autores reconhecidos como os mais significativos do teatro americano, a despeito do proposital esquecimento da crítica especializada, quase sempre avessa à valorização do político no estético. Para ficar em um único exemplo, o rigor da dramaturgia de Arthur Miller só pode ser adequadamente percebido quando se tem no horizonte da análise o desempenho do teatro de esquerda e as iniciativas de um teatro crítico, de cunho social e político, ainda que sustentadas pelo Federal Theatre. Eis algumas das contradições que este livro investiga, reatando os elos de uma interminável dialética entre o teatro e a combatividade política.

Contudo, salvo equívoco deste “resenhador” (antes de tudo um leitor

que se deixou tomar por esta revelação dos subterrâneos que alimentaram alguns dos grandes nomes do teatro e cinema americanos), os ensaios deste *Panorama* deixam entrever o quanto este rico processo foi absorvido e incorporado industrialmente pelo “parque fabril” da cultura americana. Sintomaticamente, o último dos ensaios, dedicado a James Dean, mesmo obedecendo aos instigantes procedimentos metodológicos adotados pela autora para todos os outros artistas analisados, enfatiza o processo de produção de um mito. Adorno, crítico da cultura industrializada, falou mais alto. As experiências do teatro de esquerda foram devidamente trazidas para um ambiente que lhe era avesso e, com isso, o potencial crítico e combativo viu os seus intentos maiores esvaziados e traduzidos em linguagem mercadológica. Lógica inexorável do capital?

Resta, no entanto, a lição maior do livro: a dialética ainda é o melhor dos bisturis. Ela possibilita investigar as veias alimentadoras das grandes obras. Assim, passamos a nos dar conta do sangue que pulsa na voz das personagens, ou em cada gesto dos atores, no palco ou diante das câmeras.